

RESENHA SOBRE O CAPÍTULO. "A CHAMADA ACUMULAÇÃO PRIMITIVA" DA OBRA "O CAPITAL" DE KARL MARX

Anderson BEM

Mestrando em Geografia - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).
Rua Oscar Trindade de Barros, 740. Bairro Serraria – 79200-000 – Aquidauana – MS
anderson_bem@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

A presente abordagem trata-se do escrito histórico de Karl Marx: "*A chamada acumulação primitiva*", capítulo XXIV da obra "*O Capital*". Neste ensaio, Marx expõem os fatores fundamentais que ocasionaram a transição do modo de produção feudal para o capitalista.

O objetivo da confecção desta resenha é resgatar a importância desse escrito de Marx. Texto fundamental para a compreensão de como se firmou o modo capitalista de produção, e quais foram as "ferramentas" usadas para garantir a sua existência. Espero desta forma estar colaborando com a difusão de um pensamento crítico e de questionamento frente à ordem ideológica e política de reprodução da sociedade capitalista em que vivemos.

A análise da acumulação primitiva feita por Marx, tem como intuito principal desvendar os fatores que proporcionaram o aparecimento de um novo modo de produção, o capitalista. Isso não quer dizer que a gênese do modo de produção capitalista tenha se dado em outras partes do globo da mesma forma como se processou na Grã Bretanha.¹

O estudo realizado por Marx neste capítulo da obra *O Capital*, consiste em uma análise apurada dos fatos, feita de forma minuciosa, na qual ele utiliza-se de diversos autores, entre eles destacam-se os economistas clássicos, historiadores, literários, utópicos, entre outros. Além destes escritores da época, são utilizadas outras fontes como: as jurídicas, estatutos e códigos de lei. Os documentos são utilizados como forma de mostrar e provar o que realmente aconteceu. Marx em sua narrativa faz uso das fontes para dar embasamento a sua teoria de *A Chamada acumulação primitiva*, na qual a Inglaterra é o grande objeto de sua investigação.

A CHAMADA ACUMULAÇÃO PRIMITIVA DE KARL MARX

O Segredo da Acumulação Primitiva

O autor é extremamente claro sobre a dimensão da acumulação primitiva:

A Chamada acumulação primitiva é apenas o processo histórico que dissocia o trabalhador dos meios de produção. É considerada primitiva porque constitui a pré-história do capital e do modo de produção capitalista.

A estrutura econômica da sociedade capitalista nasceu da estrutura econômica da sociedade feudal. A decomposição desta liberou elementos para a formação daquela. (MARX, 1985, p.830).

Por meio da análise histórica da acumulação primitiva de capital, Marx explica a gênese que desencadeou o surgimento de um novo modo de produção capitalista. Diante desse novo cenário, aparecem dois atores principais: de um lado, o capitalista, que é dono dos meios de produção e proprietário de dinheiro, ele aumenta suas riquezas com a compra do trabalho alheio; de outro lado situa-se o trabalhador, expropriado de seus meios de subsistência, restando-lhe apenas uma alternativa que é vender sua força de trabalho.

Com a desagregação das relações sociais de produção feudais, o trabalho torna-se livre e o trabalhador, agora, está liberto para vender sua força de trabalho. De acordo com Marx: "O processo que produz o assalariado e o capitalista tem suas raízes na sujeição do trabalhador. O progresso consistiu numa metamorfose dessa sujeição, na transformação da exploração feudal em exploração capitalista." (MARX, 1985,p.831).

A Expropriação dos Camponeses

No processo de expropriação, os camponeses ficam privados de seu meio de produção (a terra), ocorre assim, à dissociação entre o trabalhador e a propriedade. Os camponeses são obrigados a assalariarem-se, para garantir sua sobrevivência. Marx data com extrema precisão o início do processo de avanço do capitalismo na Inglaterra:

O prelúdio da revolução que criou a base do modo capitalista de produção ocorreu no último terço do séc. XV e nas primeiras décadas do séc. XVI. Com a dissolução das vassalagens feudais, é lançado ao mercado de trabalho uma massa de proletários, de indivíduos sem direitos. (MARX, 1985,p.833)

Pode-se observar que o modo de produção capitalista nasceu da exclusão e apropriação de grande parcela da população, e de uma crescente acumulação por uma minoria: "... o grande senhor feudal criou um proletariado incomparavelmente maior, usurpando os camponeses das terras..." (MARX, 1985, p.833).

Outro aspecto fundamental foi o florescimento da manufatura de lã, dando impulso à violência dos usurpadores. A alta dos preços da lã, fez com que as terras agrícolas se transformassem em pastagens. Marx utiliza-se da literatura da época, como a expressão de Thomas Morus: "as ovelhas devoram os seres humanos", para evidenciar a situação dos camponeses.

O autor demonstra como as leis eram elaboradas na Grã Bretanha, de forma a favorecer a elite privilegiada, que as formulava, para servirem como instrumento de legitimação de suas atrocidades cometidas contra os pequenos camponeses e os clãs.

A classe camponesa, denominada *yomanry* e, que foi até as últimas décadas do século XVII, detentora da maioria das terras, já por volta do ano de 1750 viria a desaparecer. A situação que estava se desenhando na Inglaterra, com a usurpação da coroa e o saque das igrejas, condicionava os interesses da nova fase que estava por vir.

A burguesia se encontrava em um estágio de evolução, detendo grande parcela de terras em suas mãos; A alta finança acabara de nascer e a manufatura florescia: tudo isto, segundo Marx, era fruto do veículo do roubo, que era a própria lei.

O roubo assume a forma parlamentar que lhe dão as leis relativas ao cercamento de terras comuns, ou melhor, os decretos com que os senhores das terras se presenteiam com os bens que pertencem ao povo, tornando-os sua propriedade particular, decretos da expropriação do povo. (MARX, 1985, p.841).

Um outro exemplo dado por Marx de expropriação é o dos celtas, clãs da região montanhosa da Escócia. Os celtas estavam organizados em clãs, cada um era proprietário do solo em que ocupava sendo o "grande homem" (chefe do clã) o proprietário titular. A atitude do governo escocês foi transformar seu direito de titular do solo em direito de propriedade privada, resolvendo enxotar os membros do clã pelo uso da violência.

Marx cita a frieza da duquesa de Sutherland, que por motivos econômicos transformou os seus domínios em pastagens, ocasionando a expulsão de 3000 famílias:

Ela dividiu toda a terra roubada do clã em 29 grandes arrendamentos para a criação de ovelhas ... Em 1825, os 15.000 aborígenes gaélicos estavam substituídos por 131.000 ovelhas... Em sua fidalguia, a duquesa foi a ponto de

cobrar 2 xelins e 6 pences de renda em média por acre , a ser paga por membros do clã, que há séculos, tinham vertido seu sangue em defesa de seus nobres antepassados. (MARX,1985,p.847)

O autor continua seu relato sobre as atrocidades cometidas contra os gaélicos, que após terem sido expropriados de suas terras, também o foram da orla marítima, novamente por interesses econômicos, só que agora dando lugar aos mercadores de peixe e mais tarde para a paixão da caça.

Legislação Sanguinária Contra os Expropriados

A legislação sanguinária consiste no tópico 3 deste capítulo, no qual Marx descreve como foram tratados os camponeses após serem expropriados de seu habitat, a partir do século XV.

O autor se dirige especialmente à Inglaterra, relatando a face da legislação nos períodos dos reinados de Henrique VIII, Eduardo VI, Elizabeth entre outros. Durante esses reinados os expropriados recebiam tratamentos severos por terem sido usurpados de seu meio de subsistência. Açoites, mutilações, escravização, enforcamentos etc., eram as medidas encontradas pela jurisprudência inglesa na época para combater a injustiça social.

Marx cita uma passagem da *Utopia* de Thomas Morus que exprime bem o processo de expropriação dos camponeses:

“Um voraz insaciável avarento, terrível praga de sua terra natal, trama e consegue apossar-se de milhares de acres , contornando-os e fecha-os com cercas e valados, expulsa os lavradores que os ocupavam, utilizando a fraude e a violência , ou os atormenta de tal modo que os força a lhes venderem tudo...”(MORUS, apud in: MARX; 1985p.853).

Esta passagem retrata bem o que foi os cercamentos na Grã Bretanha, momento este, em que os camponeses são expropriados de suas terra pelas cercas legitimadas pela jurisprudência inglesa com o intuito de promover a acumulação de capital.

O autor prossegue com a análise da gênese histórica da produção capitalista.

A burguesia nascente precisava e empregava a força do estado para regular o salário, isto é comprimi-lo dentro dos limites convenientes a produção de mais-valia, para prolongar a jornada de trabalho e para manter o próprio trabalhador num grau adequado de dependência. Temos aí um fator fundamental da chamada acumulação primitiva. (MARX;1985, p.854-855)

As recentes classes assalariadas, surgidas na metade do XIV, constituíam uma diminuta fração da população, que vinha crescendo devido à acumulação de capital. É nesse contexto que surge a organização da produção capitalista da sociedade, na qual o capitalista é o dono dos meios de produção exercendo seu domínio sobre o trabalhador, dependente das “leis naturais de produção”.

A legislação se concentrava em torno do rebaixamento de salários, o qual prescrevia punições para os patrões que pagavam salários acima dos legais, segundo o Estatuto de Elizabeth.

Gênese do arrendatário Capitalista

Nesta passagem o autor desvenda a gênese do arrendatário capitalista na Inglaterra, desde seu estágio primitivo que é o *bailif*, ainda servo, sendo substituído durante a segunda metade do século XV, pelo colono. O colono logo se torna parceiro, e esse parceiro desaparece para dar lugar ao arrendatário que: “procura expandir seu próprio capital empregando trabalhadores assalariados e entrega ao *landlord* uma parte do produto excedente, em dinheiro ou em produtos, como renda da terra”. (MARX; 1985, p. 860).

A resolução do último terço do século XV que prosseguiu por todo século XVI, marca a ascensão do arrendatário capitalista que enriqueceu com a mesma rapidez que a população rural empobreceu. A usurpação das pastagens, contratos de arrendamento em longo prazo, depreciação contínua dos metais preciosos, rebaixamento dos salários, elevação contínua dos produtos agrícolas, e renda que tinha de pagar ao *Landlord*, fixado pelo valor monetário antigo; são os fatores responsáveis do surgimento de uma classe de capitalistas arrendatários nos fins do século XVI.

Repercussões da Revolução Agrícola na Indústria. Formação do Mercado Interno Para o Capital Industrial

O autor demonstra como a expropriação dos camponeses de seus meios de subsistência promove a ruína da indústria doméstica rural, fazendo surgir assim, a indústria moderna e consigo o capitalista industrial. Neste instante, cria-se um mercado interno originado da ruína da própria indústria doméstica.

Com o processo de dissociação dos trabalhadores de seus meios de produção, o capitalismo assegura a existência e formação da indústria moderna.

A revolução agrícola acompanhada da indústria moderna trouxe consigo o aumento gradativo na exploração e a elevação do número de excluídos, proporcionando o exército de reserva de mão-de-obra que a indústria moderna necessita para a sua existência.

Gênese do Capitalista Industrial

Nesta passagem, Marx discute como surgiu o capitalista industrial, demonstrando que o aparecimento desta figura não se restringe somente aos mestres de corporações, artesãos e assalariados, que se transformaram em capitalistas através da exploração ampliada do trabalho assalariado.

Com a dissolução das vassalagens feudais, desmorona-se o sistema feudal no campo e a organização corporativa na cidade. Com isso, o capital dinheiro provindo do comércio através de todos os meios possíveis, instala-se nas manufaturas aproveitando-se do velho sistema urbano e da organização corporativa.

As descobertas de ouro e prata na América, o extermínio, a escravização das populações indígenas, forçadas a trabalhar no interior das minas, o início da conquista e pilhagens das Índias Orientais e a transformação da África num vasto campo de caçada lucrativa são os acontecimentos que marcam os albores da era da produção capitalista. Esses processos idílicos são fatores fundamentais da acumulação primitiva. (MARX, 1985, p.868)

As transformações com o advento da navegação criaram novas ferramentas e mecanismos dando um grande impulso no desenvolvimento de acumulação de capital. O comércio foi o carro chefe das nações européias ascendentes, para apropriar-se cada vez mais das riquezas coloniais, justificando suas atrocidades e barbáries através do uso da cristianização e da superioridade racial.

Assim, nasce a indústria moderna, através de todos os “métodos idílicos” possíveis que o sistema dispõem. Crianças são escravizadas para transformar a manufatura em exploração industrial, mulheres sacrificadas com jornadas de trabalho exaustivas, sob fiscalização de feitores; enquanto isso, fabricantes e industriais conseguem “lucros” exorbitantes.

Tendência Histórica da Acumulação Capitalista

Chegando ao sétimo tópico da chamada acumulação primitiva, o autor questiona a propriedade privada capitalista, visualizando-a como o germe sustentador do modo de produção capitalista. A propriedade privada outrora pertencente ao próprio trabalhador, foi transformada em propriedade privada capitalista na qual o proprietário (o capitalista) não trabalha, mas sim explora o trabalho alheio.

... a transformação dos meios de produção individualmente dispersos em meios socialmente concentrados, da propriedade minúscula de muitos na propriedade gigantesca de poucos; a expropriação da grande massa da população, despojada de

suas terras, de seus meios de subsistência e de seus instrumentos de trabalho, essa terrível e difícil expropriação, constitui a pré-história do capital (MARX; 1985, p. 880)

Marx vê na classe trabalhadora o instrumento histórico - universal para alcançar o objetivo da revolução social, que consiste na expropriação dos capitalistas por meio da extinção da propriedade capitalista de produção, e posteriormente, a socialização dos meios de produção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Karl Marx foi um dos primeiros intelectuais a estudar com afinco o modo capitalista de produção, de forma minuciosa, conseguindo em sua análise decifrar os pontos fundamentais de seu funcionamento, compreendendo como ponto chave da transição do modo de produção feudal para o modo de produção capitalista, "*A Chamada Acumulação Primitiva*".

O autor desenvolve uma visão crítica da sociedade vendo-a como um sistema antagônico no qual há uma luta de classes incessante: "A sociedade burguesa moderna, que brotou das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos das classes. Estabeleceu novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta no lugar das antigas."(MARX e ENGELS, 2000, p. 9)

Enquanto o séc. XIX, para alguns intelectuais é visto apenas pela aparência que o modo de produção capitalista produziu, suas parafernalias e maravilhas, Marx busca a essência, vendo o sistema desde sua gênese, e é na acumulação primitiva de capital que ele desvenda sua face obscura.

NOTAS

- ¹ "O conceito de acumulação primitiva formulado por Marx é relativamente claro, mas discute-se se ele constitui o quadro adequado para a análise da transição para o capitalismo. Mesmo que se considere correta a análise que Marx fez do caso da Grã Bretanha, não se pode admitir que ela dê conta do estabelecimento do capitalismo em outras partes." (BOTTOMORE, 1983,p.2)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTTOMORE, Tom (Org.). Acumulação primitiva. In: **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro, 1983. p. 2-3.

FIGUEIREDO, E. L. ; FILHO, G. C. ; KONDER, L. **Por que Marx?** Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.

GADOTTI, Moacir. **Marx: Transformar o mundo** São Paulo: ed. FTD. S.A., 1989.

MARX, Karl. A Chamada Acumulação Primitiva. In: **O Capital**. Lv. I, Vol. 2, São Paulo: Difel, 1985.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **O Manifesto Comunista**. Tradução Maria L. Como, 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

VILAR, Pierre. Marx e a História. In: Org. HOBBSBAWN, Eric J. **História do Marxismo Vol. 1**. Tradução de Carlos N. Coutinho e Nemério Sales. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 91-126.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

REVISTA PERSPECTIVA GEOGRÁFICA

www.unioeste.br/saber